

Apontamentos sobre leituras do corpo na ciência moderna e no pensamento de Martin Heidegger

Notes on readings about the body through a modern Science and Martin Heidegger's thoughts

DOI: Foi-se com os bilhões em isenções fiscais do estado do Rio às grandes empresas

Dra. Carmem L. B. T. Barreto
carmemluciabarreto@hotmail.com
U. Católica de Pernambuco

Dndo. Jailton Bezerra Melo
melo.jailton@hotmail.com
Universidade de São Paulo

Dnda. Ellen F. G. da Silva
ellenfernanda1@hotmail.com
U. Católica de Pernambuco

O presente trabalho tem como objetivo refletir a respeito da questão do corpo, o qual foi, ao longo de diversos momentos históricos, demarcado por perspectivas que o aprisionava em investigações, matéria de estudo. Na Idade Média e no Renascimento o corpo sofreu ameaça de esquecimento pelos ideais cristãos e consolidação das ciências. Tais demarcações inscreveram no corpo uma dimensão de encobrimento substancializada e naturalizada, um distanciamento de si. Na tentativa de ampliar a compreensão do fenômeno do corpo, de resgatar seu caráter existencial, buscou-se um diálogo com alguns aspectos do pensamento de Heidegger, o qual compreende o corpo como fenômeno (*Leib*) e questiona concepções do pensamento metafísico, um corpo-objeto (*Körper*). O diálogo subsidiado, para além de uma reflexão sobre este esquecimento, enfatiza a necessidade de concebê-lo enquanto existência a partir de uma transversalidade de olhares das ciências modernas, em especial demarcando lacunas sobre a importância de seu estudo na Psicologia.

PALAVRAS-CHAVE Corpo. Corporar. Ciências Modernas. Fenomenologia Existencial

This present paper has as main goal to make us consider about the body, which which was, along several historical moments, demarcated by perspectives that imprisoned it as an investigation and study matter. In the Middle Ages and in the Renaissance the body suffered a threat of being forgotten because of Christian ideals and the consolidation of sciences. These demarcations inserted in the body a substantiated and naturalized concealment dimension, distancing it from itself. As an attempt to broaden the understanding of the phenomenon of the body, to recover its existential character, we sought a dialogue with some aspects of Heidegger's thought, which comprises the body as a phenomenon (*Leib*) and questions conceptions of metaphysical thought, Object-Body (*Körper*). The subsidized dialogue, in addition to a reflection about this forgetfulness, emphasizes the need to conceive it as existence from a cross-cutting of views of the modern sciences, in particular by pointing out gaps about the importance of its study in Psychology.

KEY-WORDS Body. Corporate. Modern Sciences. Existential Phenomenology

Introduzindo a questão

Que corpo é esse?

*Que pulsa, escuta, expulsa,
abraça, comporta, contém.*

O corpo ocupa! O corpo não é culpa.

O corpo, a culpa, o espaço.

Que corpo é esse?

(O Teatro Mágico)

A relevância de refletir a respeito do corpo pode ser compreendida através da insuficiência do saber científico-moderno para pensar/discutir as experiências humanas atuais em sua corporeidade. A escolha de situar a discussão do corpo em sua dimensão histórica, acompanha a direção das concepções que foram se sucedendo ao longo do tempo. É importante destacar que tal proposta não objetiva apresentar uma “história do corpo”, mas dialogar, brevemente, com momentos da civilização ocidental que marcaram determinadas concepções deste.

Ao falar sobre a temática, um conjunto de ideias e de disciplinas composto pelas ciências da natureza contribuiu para consolidar a compreensão do corpo. Tais disciplinas perpassam e homogeneizam o pensamento vigente desde a educação infantil até o ensino das Universidades, e se apresentam como subsídios para pensar esta compreensão de corpo que estamos em vias de discutir: o corpo enquanto fenômeno. Tal compreensão é resgatada do pensamento heideggeriano, o qual, partindo da existência, reflete o corpo como um existencial. Realçamos que esta alternativa de resgate do corpo-existência traçada a partir de uma leitura heideggeriana pode contribuir para outros olhares na Psicologia, demarcando um lugar para o corpo humano enquanto fenômeno.

Interessante aqui sinalizar que a formação do psicólogo é atravessada por inúmeras teorias que apresentam o ser humano a partir de uma epistemologia própria. Nesta direção, o olhar que se lança ao ser humano vai depender do modo como se compreende homem e mundo. Tais analíticas direcionam modos – e também moldes – para testemunhar os posicionamentos teóricos na prática do psicólogo, atravessada pelo contexto histórico que se vive.

O contexto sócio-histórico-cultural, assim, demarca relevâncias que são subsidiadas a partir de demarcações próprias do existir humano. A existência, atrelada à compreensão de homem e de mundo, refuta compreensões que massificam e delegam aprisionamento para este. Neste sentido, a questão do corpo no decorrer da História também toma esta direção.

A desatenção da Psicologia, enquanto ciência, para o corpo é trazida em outros trabalhos (JOSGRILBERG, 2013; MELO, 2015; SILVA, 2013) que discutem a dimensão deste enquanto existência. Na tessitura das pesquisas, os autores demarcam a notória falta de direcionamentos na formação do psicólogo, a qual acaba distanciando este profissional de questões propriamente fecundas para se pensar e compreender o corpo, analisando-o predominantemente por perspectivas que biologizam, fragmentam o humano. Este empréstimo de ideias e concepções próprias de ciências ditas como “naturais” para a Psicologia trazem duas principais pontuações: de um lado demarcam a transdisciplinaridade como uma alternativa para lidar com questões próprias da vida cotidiana; de outro delegam olhares que distanciam o ser humano de uma analítica propriamente existencial para incumbir causalidade, mensuração e quantificação de fenômenos do corpo enquanto uma substância. Articula-se, assim, que o “enquadre” dado pela Psicologia para o corpo humano é muito mais um empréstimo de outras disciplinas e ciências que um direcionamento propriamente focado numa dimensão existencial do corpo.

A necessidade de um questionamento do quadro transdisciplinar é apontado por Ferreira (2008, p. 480), quando indica que “[...] as disciplinas se revelam limitadas para dar conta da complexidade e da multiplicidade de abordagens acerca do corpo, ele extrapola as disciplinas, não se deixa aprisionar por nenhuma delas.”. Esta complexidade afina-se com o objetivo da presente reflexão ao enfatizar uma visão compreensiva do fenômeno corpo, em contraste à perspectiva explicativa dominante na tradição metafísica, mas também sinaliza a lacuna de algumas ciências, como a Psicologia, em lidar com o fenômeno do corpo.

Ao estudar o corpo numa leitura que se aproxima das reflexões de Martin Heidegger, procuramos apresentar outra via possível de se repensar este corpo, tendo em vista a insuficiência do pensamento vigente. A ontologia proposta por Heidegger mostra-se frutífera para dialogar com o fenômeno do corpo, pois considera o ser a partir de seu fundamento, existindo como projeto de ser. Assim, tal pensamento se mostrou fecundo na tentativa de aclarar sentido para a dimensão existencial do homem ao demarcar o corpo como uma esfera que sai de uma complexidade biológica, apenas, criticando a hegemonia técnica das ciências da natureza – que apenas considera verdadeiro o que é passível de mensuração, reverberando certo “controle” dos fenômenos da existência.

1 Corpo-substância: considerações históricas para a ciência moderna

Este breve situar do contexto histórico pode lançar luz à temática do corpo como também abrir diálogo com a perspectiva fenomenológica existencial, ao modo de Heidegger, principalmente no que se refere ao esquecimento do corpo humano enquanto morada do ser pelo pensamento metafísico.

Neste momento dialogaremos com dois períodos históricos – a Idade Média e o Renascimento – para se pensar que corpo é este que estamos em vias de conhecer. A Idade Média remontou o corpo humano em torno de lutas de povos. Criou o feudalismo como sistema de produção e, consequentemente, se valeu da utilização dos corpos para trabalho; e também revelou compreensões embasadas pela Igreja Católica para construir ideais para o corpo. Para Siqueira (2011, p. 50) “[...] o corpo na Idade Média é uma fonte de estudo para entendermos a dinâmica das interações entre corpo e sociedade”. E é nesse sentido de relação entre os corpos no social, principalmente fincados na sexualidade – sexualidade “realizada” pudicamente e em torno da normatização do sexo (ato sexual) enquanto finalidade reprodutiva, que os estudos do corpo se voltam nesse período.

Já o Renascimento, ao se mostrar como movimento artístico e cultural, rompe com os ideais vigentes da Idade Média, e suscita uma reviravolta no modo de se fazer ciência e no pensamento do homem moderno. Ao enfatizar outro olhar para o corpo, realçando o corpo belo, espontâneo e criativo, afasta-se do velamento do corpo preconizado pela Igreja Católica. Nesta perspectiva, consagra tais ideais como modelos de normatização social e regra que conduziria o “certo” e o “errado” (VIGARELLO, 2006).

Adentrando por este emaranhado de desafios que o corpo passou e reivindicou apelo, é relevante pontuar que os dois polos geradores de tais desafios foram a Igreja Católica (na Idade Média) e a Ciência (no Renascimento). Destarte, a possibilidade de refletir estes dois períodos históricos parece requerer ainda outra compreensão: enquanto na Idade Média a figura do corpo surgia a partir do corpo morto de Jesus Cristo, no Renascimento o corpo vislumbrado é o corpo vivo dos que povoam o mundo (FOGA, 2014; ZANIRATO & MARTINS, 2011).

Barbosa, Matos e Costa (2011) pontuam que o pensamento sobre o corpo na Grécia Antiga¹ foi abolido pela Igreja por representar perigo para a alma,

¹ Apesar de o pensamento grego ser de grande valia para se compreender como o corpo sofreu essa ruptura e foi esquecido, é preciso salientar que tal compreensão não será esmiuçada neste trabalho – como serão as compreensões da Idade Média e do Renascimento. Tal escolha se deu a partir da concepção de que o pensamento grego repercutiu, de certo modo, no pensamento do Renascimento, mesmo sendo “eliminado” durante a Idade Média – tais como os ideais de

uma vez que o corpo nu e belo enfatizado pelo pensamento grego repercutia como pecado da carne, luxúria e desejo. Essa concepção de pecado advinda da Idade Média se configurou como um “peso ao corpo” devido à obscuridade advinda do mesmo, revelada em forma de flagelo e culto à divindade.

Para o cristianismo, “[...] os corpos assumem um lugar de distanciamento das ‘coisas do mundo’, por estarem mais próximos das ‘tentações’” (RIGONI & PRODÓCIMO, 2013, p. 230, aspas dos autores). Este corpo é a casa de Deus, portanto merece cuidado e zelo. Inscreve-se agora, o corpo pudico, belo e obra de um Deus, um corpo que pode ser punido (SIMHA, 2009). Tal concepção repercute no social como uma maneira ímpar de se olhar para as coisas mundanas como impuras e iníquas. Começa a ser inserido, já no século XVII, a presença da impureza do corpo pelas modificações simples deste, como a utilização de maquiagem e joias extravagantes. Tal perspectiva sinaliza uma sujeira pela qual o corpo se submeteu em detrimento do pensamento mundano, assegurando novos modos de “vesti-lo” (VIGARELLO, 2006). Essa vestimenta é desvestida pela Igreja, a qual compreende que os adornos e extravagâncias do corpo são obras de forças malignas.

Nessa linha de pensamento, Ferreira (2008, p. 473) ressalta que “[...] o corpo se torna, então, a arena onde acontecem discursos e conflitos simbólicos [...]”, ficando o sentido do corpo a ser determinado por um deus que vai de contrário à ciência: esta escrutina o corpo e o dissecar, mostrando-o, e nesse mostrar-se o deus medievo pede, através das leis canônicas, que seja cuidado da alma, porém que o “corpo” seja escondido.

Cabe mencionar que, durante o século XIV, os ditames da Igreja enfraquecem, dando lugar ao antropocentrismo e, junto com ele, um movimento de hedonismo e cultura ao corpo. Este movimento chamado de Renascimento inaugura uma materialização onde os “membros” do corpo dependem um do outro para existirem (VIGARELLO, 2006). Assim, o corpo do Renascimento inaugura não somente a possibilidade de estudá-lo e poder “ser tocado”, mas também a possibilidade de vivê-lo e deixá-lo fora das cobertas.

O corpo “assumido” no Renascimento vai ao encontro da natureza e é ele mesmo natureza. O pensamento renascentista não representa o corpo, mas vive o próprio corpo, marcando a transição da Idade Média para a Modernidade. O Renascimento dá início à concepção de corpo humano a partir de um caráter

beleza, estética e boa forma do corpo. Portanto, optou-se por não entrar de “corpo todo” em tal pensamento, mergulhando, mesmo que a passos curtos, apenas nos dois períodos históricos ditos anteriormente. Sobre como o pensamento da Grécia Antiga reverberou na história do corpo, ver: BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: O corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*: Porto, n 23, v. 1, p. 24-34, 2011.

mais humanista, reverberando no social um horizonte de que o homem poderia cultivar a si mesmo e a seu corpo (VIGARELLO, 2006).

Essa nova “fase” de compreensão do corpo inicia uma nova política, além de favorecer o lado científico de explicação dos fenômenos do mundo. Assim, começa sua matematização, fragmentação e instrumentalização. O corpo que foi amarrado na Idade Média se desprendera dos ideais cristãos que o mantinha escondido, mas em contrapartida inaugurava, com a experimentação científica, mais uma camuflagem.

Tal modo de cultivar e cultivar o corpo também apresenta uma ambiguidade. Conforme Ferreira (2008), na medida em que pensa um ideal de beleza e contemplação, também inaugura um pedido por cobrança de padrões, que grita cada vez mais por uma busca de sentido calcada no capitalismo, nos bens de consumo, nos meios midiáticos e na cultura da moda.

Essas duas compreensões (da Idade Média e do Renascimento) parecem se distinguir em um aspecto: enquanto na perspectiva Católica Romana o corpo seria uma “unidade”, na Anatomia se iniciava a “dissecação do corpo”. Estas indicações vão recair na anatomia como uma forma de “representar” por imagens um corpo, o que vai provocar nas ciências modernas um esquecimento deste corpo; isto porque o que é estudado é apenas aquilo que é representação do visto, do que se mostrava enquanto matéria corpórea.

No que se refere à arte, caminhou na mesma direção, apesar de dar espaço para o corpo se mostrar, também acaba deixando-o passível de ser objeto de estudo. De acordo com Gaya (2005, p. 327), “o realismo das descrições anatômicas de Leonardo Da Vinci, Vesalius, Rusconibus, entre outros, constituiu fonte empírica para o estudo da anatomia humana”. E assim o corpo passa a ser visto pela limitação de uma representação da imagem anatômica: as partes do corpo são responsáveis por tais finalidades e, juntas, formam um “corpo humano”.

Nestas compreensões de corpo, encontramos em seu trajeto histórico uma reviravolta dele mesmo. Tal mudança parece realmente denotar como a arte (admiração), a anatomia (estima) e o cristianismo (temor) olham para o corpo e, ainda, como este olhar repercute na ciência moderna: este corpo de que se fala é o corpo que ora é valorizado e ora é solicitado a se velar (SIMHA, 2009).

A partir destas concepções, o corpo anatômico é compreendido como forma, funcionamento e movimento, três eixos que emolduraram o “natural” do corpo. Assim, este corpo natural, em sua biologia e fisiologia de seus sistemas “[...] sente, goza e sofre, e se vê ameaçado em sua existência pela doença e pela morte” (SIMHA, 2009, p. 57) porque nesta disposição carnal o corpo assume a

disposição no mundo por entre a existência de partes que o formam – cabeça, tronco, membros superiores e inferiores. Tal fragmentação repercute depois na Medicina como uma valorização de partes específica, ou seja, olha-se para o órgão afetado e a doença que lhe acomete.

Assim, no que diz respeito ao caráter da medicina enquanto espaço de “poder” do e no corpo, desde o século XVIII, delega a necessidade de apontar o “desenho errático” do corpo, um corpo que foge do “normal”, se enquadrando a deficiência, a anomalia – e começa uma visualização maior de deformidades no corpo através da conscientização de uma anatomia perfeita, que já suscita numa “reforma” de correções de posturas em busca de um movimento perfeito. Avançando para o século XX, Vigarello (2006) comenta que os estudos da anatomia refletiram nas cirurgias como uma possibilidade de metamorfosear um corpo, podendo reparar erros anatômicos, enquanto na contemporaneidade se revelam como mudanças estéticas (botox, silicone, entre outras alternativas) ou outras cirurgias (lipoaspiração e redução de estômago, por exemplo) e que merecem, cada vez mais, o olhar das diversas disciplinas que se endereçam ao ser humano.

Nesta nova “modalidade de corpo” – corpo desenhado de maneira errática – não se encontra somente a imagem que se tem desse corpo, mas recai principalmente naquilo que não é da ordem natural, isto porque o corpo objeto das modernas ciências médicas é o corpo firme que se instala a doença e que respeita aos processos biológicos e fisiológicos (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008).

Segundo Chiarello (2011), o corpo passa então a ser sinônimo de estudo, de leitura e de construção de significados. Dele se extrai conhecimentos sobre a vida e sobre a morte. Dele se escreve livros e manuais e, conseqüentemente, se conhece o fisicamente visto, tocado, explorado. Nesse sentido, o corpo, que antes ditava as regras para se escrever os manuais, agora obedece a esse manual.

Destarte, fica evidente como a Medicina e Anatomia estiveram associadas a uma fragmentação do corpo e reparo deste. Dissecam-se corpos para estudo; órgãos são retirados e colocados em tanques e vasos com formol; estuda-se desde a pele, órgão mais externo e íntimo, até as entranhas. Esta perspectiva do corpo recai num esquecimento de seu sentido, iniciando um arsenal de limiares e limites que lhe são impostos.

Esse modo de pensar, dominante em nossa época, se refere ao pensar que antecipa, dicotomiza, controla e determina. A partir desse olhar compreensivo, o corpo, em seu caráter de possibilidades, é encoberto e ganha uma “obscuridade espessa”, torna-se matéria-prima. Qual preconiza Michelazzo (2004), se instaura nessa lógica um vínculo de desgaste, esgotamento e destruição – “tudo passa e nada permanece, dotando a nossa existência de uma indigência crescente” (p.111).

É dentro desse projeto moderno da ciência que o corpo no âmbito da Psicologia é pensado e vivido. Tomados pela supremacia técnica podemos caminhar na direção de uma perspectiva de antecipação, funcionalidade e controle, não se demorando frente àquilo que se revela, se distanciando do corpo. Ou talvez possamos endereçar um outro olhar, interrogando as determinações de sentido da ciência, herdadas pela metafísica, questionando as dualidades mente-corpo, saúde-doença, normal-patológico, revelando a necessidade de uma dimensão que não cinde o corpo da existência.

2 Corpo-fenômeno: reflexões a partir do pensamento heideggeriano

A seguir, busca-se tematizar uma compreensão sobre o corpo enquanto fenômeno. As reflexões adiante têm como fio condutor a Fenomenologia Existencial, a partir da discussão de algumas dimensões do pensamento de Heidegger. Tal pensador caminha para uma região em que os nomes e as determinações pouco dizem, resistindo ao predomínio das ciências modernas, marcadas pela objetificação e mensuração que objetiva eliminar incertezas à procura de fundamentos concretos, inabaláveis; se distanciando daquilo que lhe é mais próprio: sua existência.

De início cabe mencionar que, para Heidegger (2012), o homem está no mundo de modo diferente dos outros entes intramundanos (é um ser lançado-no-mundo-com-os-outros) e, como consequência, não pode ser investigado e explicado à semelhança dos objetos. Heidegger traz a expressão *Dasein* quando se refere ao homem, ressaltando que o existir humano não é um objeto simplesmente dado, encerrado em si, consistindo, pois, em projeto lançado, acontecendo enquanto possibilidade de existir.

A partir de sua compreensão do existir humano, Heidegger abre caminhos para se pensar a questão do corpo sob outra ótica, que não a cartesiana. Este “olhar fenomenológico” possibilita que o corpo se apresente a partir de si mesmo, em suas múltiplas possibilidades de manifestação e não previamente interpretado como representação/substância. Nesta direção, Heidegger distancia-se da tradição metafísica e apresenta o corpo como fenômeno, o *ser-corpo*.

Para Heidegger (2009; 2012), o corpo, assim como a existência, comumente é tomado como mero ente, aparência simples e evidente. A história do esque-

cimento do ser se faz semelhante à interpretação ontológica do corpo, ou seja, ambos enveredaram para os caminhos do empobrecimento e, finalmente, para o declínio do seu sentido.

Nessa linha de pensamento, uma enunciação acompanha as reflexões de Almeida (2002): o corpo caiu na obscuridade ao se tornar uma questão para os diversos saberes. Enquanto tematização, o corpo foi reduzido a um mero assunto ao ser tratado pelas perspectivas tecnológicas, figurando ao lado de outras dimensões da existência humana, tais como política, educação e poder.

Nesse lugar de substância material, o corpo pode ser mensurado, submetido ao crivo da ciência. A esse respeito Heidegger (2009, p.135) comenta: “[...] o medir só é possível quando a coisa é pensada como objeto, representada em sua objetividade (*Gegenstaandlichkeit*). Medir é uma maneira pela qual eu posso deixar uma coisa presente por si mesma me confrontar, isto é, em relação à sua extensão”. Sob o caráter da mensurabilidade ocorreu, como já vimos, o desenvolvimento de áreas como Anatomia e Fisiologia – esta última estando associada, também, à Psicologia enquanto ciência por um bom tempo, tal como salienta Almeida (2002) e Josgrilberg (2013).

Ao lado da Ciência e suas especialidades, a Revolução Industrial e o Capitalismo foram dois grandes eventos contribuintes para o crescimento tecnológico numa escala sem precedentes. Conforme Heidegger (2012), o domínio técnico trocou o brilho das coisas pela obscuridade; o homem passou a ser produtor e recurso simultaneamente. Nessa direção, na contemporaneidade, o corpo pode ser compreendido como fruto do declínio percorrido nas inúmeras variações ocorridas ao longo da história: como cópia (na Antiguidade), como criatura (na época medieval), como objeto (na Modernidade) e enquanto mercadoria (na contemporaneidade).

Sob outra ótica, a Fenomenologia Existencial revela-se como um outro modo de pensar, trazendo o corpo para o palco das discussões. A partir de tal perspectiva, Michelazzo (2004) ressalta que podemos falar de uma nova perspectiva de corpo a partir de outra compreensão da natureza originária do homem, a partir de uma leitura de Heidegger, o qual propôs uma viragem pragmática, des-substancializando os remotos conceitos de homem e de corpo para tomá-los como fenômeno.

O verbo “corporar” é criado por Heidegger (2009) para dizer da dimensão temporal e verbal do *ser-corpo*. O corporar (*Leiben*) pertence ao ser-no-mundo, mas esse último não se restringe ao corporar. O corporar é um dos modos de ser do *Dasein*, inseparável dele, condição necessária para relação com o mundo e

com os outros. Nesta direção, corporar contrapõe-se à mensurabilidade, visto ser compreendido como horizonte existencial no qual permanecemos; se apresenta não como um corpo fixo/determinado, mas se realiza como possibilidade na trama do existir. Inicia-se, assim, um novo momento do corpo: um corpo que se mostra e se permite realizar enquanto poder-ser.

Para a Analítica heideggeriana, o fisiológico não é suficiente para estabelecer a “relação” homem-mundo. Neste sentido, Heidegger (2009, p. 223) faz uma crítica ao modelo biomédico, ao pronunciar que:

Para os médicos o fenômeno do corpo como tal está tão encoberto porque eles apenas se ocupam do corpo material, reinterpretando-o como função corporal. O fenômeno corporal é inteiramente singular, irreduzível a outra coisa, por exemplo irreduzível a mecanismos. É preciso poder aceitar o fenômeno corporal como tal, intacto.

Na busca de romper com o dualismo sujeito-objeto, é necessária a compreensão do corpo como um existencial, traço fundamental do *Dasein*. Em linhas gerais, *Dasein* não tem um corpo – um objeto que lhe pertence –, ele “é” seu corpo. Michelazzo (2004) sinaliza que o ser-corpo não é generalizado, mas sempre “meu”, testemunhando os acontecimentos da minha existência; bem como os momentos da vida – infância, juventude, adultidade e velhice – somos “corpo e tempo” porque somos “existência e tempo” e, por este motivo, o corpo, ao ser vivido, é algo que pode “se dizer”.

Diante dessas considerações, é oportuno retomar o pensamento de Heidegger (2009) ao ressaltar a problemática do corpo como um problema do método. O modo de acesso, pela via da previsibilidade, empreendido pelas ciências naturais, encerra o corpo enquanto matéria a ser estudada. Nesse cenário, tudo o que não apresenta o caráter dos objetos passíveis de determinação matemática é tido como incerto e não verdadeiro. Daí a repercussão do corpo como um aparato meramente biológico e fisiológico nas ciências naturais.

Importa situar que Heidegger não censura a perspectiva de objetificação do corpo. Contudo, salienta duas questões imprescindíveis: a de não estabelecer tal interpretação como o sentido originário e único estatuto de verdade possível da corporeidade; e a de compreender que tais conhecimentos objetivos não dão conta da experiência singular do humano com relação ao corpo, pois escapa não só do crivo da ciência como de sua tentativa em empreender denominações para um corpo-substância.

Diante de tal contexto, algumas questões se apresentam: De que maneira podemos lidar com o corpo: como objeto a ser manipulado e submetido às intervenções prescritas nos protocolos médicos, ou, também como um modo próprio de estar-no-mundo? Como as reflexões heideggerianas podem ajudar no sentido de apontar para outra compreensão do corpo, não mais como uma substância mensurável e manipulável, mas enquanto dimensão existencial do *Dasein*?

O corpo, enquanto fenômeno, não corresponde à compreensão do corpo material empreendida pela ciência da natureza, podendo ser vivido como fenômeno, não sendo contido pela representação metafísica do corpo material. Este corpo-fenômeno é co-determinado pelo ser-homem, cujo limite é o horizonte-do-ser ao qual pertencemos. Assim, o limite do corporar se modifica pela mudança no modo-de-ser, podendo ou não acompanhar o limite do corpo material.

Na tentativa de prosseguir refletindo o corpo, importa atentarmos, mesmo que brevemente, à psicossomática. O pensamento heideggeriano revela uma perspectiva diferenciada para esta questão, ao apontar soma e psique não como entidades separadas e independentes, mas possibilidades do existir humano. De acordo com Nascimento (2008, p. 83-84, parênteses do autor):

[...] para Heidegger a questão não está em pensar o psíquico e o somático, nem tampouco as possibilidades de integração ou articulação destas duas dimensões, tal como o fez a psicossomática nos moldes psicanalíticos, a qual fala de representações psíquicas no corpo (somatizações). Antes, ele fala da necessidade de um modo próprio de aproximação do humano que possibilite vislumbrá-lo em sua complexidade e não como soma e psique.

Neste sentido, compreende-se que, para fenomenologia heideggeriana, o corpo não está passível de uma divisibilidade ou fragmentação. Dito de outro modo, quando uma pessoa adoece, por exemplo, não é somente seu corpo (no sentido de organismo) que sofre, mas toda sua existência está envolvida. Assim, compreender um modo-de-ser unicamente a partir de uma previsibilidade orgânica e fisiológica seria recair no pensamento metafísico, sem dar alternativas para o corpo se mostrar em suas possibilidades.

Foi essa compreensão heideggeriana a respeito do corpo e do questionamento do predomínio das ciências modernas que iluminou as pesquisas de Josgrilberg (2013), Melo (2015) e Silva (2013).

A pesquisa de Josgrilberg (2013), tematiza o corpo enfatizando a importância de pensar o corpo e a presença corporal por um prisma que sai da esfera da psicossomática (entendida como a fragmentação da psique e soma) para se endereçar a refletir como a prática psicológica pode destinar-se a compreender o corpo como fundamentalmente atrelado à dimensão existencial. A partir da “análise” da história de Frederico, a autora comunica que o mundo circundante acabou por se perder, se dispersar, dissolvendo-se junto o corpo em sua corporeidade.

Já a investigação de Melo (2015), ao objetivar recolher experiências de pessoas que passaram pelo procedimento cirúrgico de amputação, revelou o esquecimento do corpo e sua entificação como oriundos da massificação dos corpos no campo da saúde, em específico. As narrativas caminharam pela questão do habitar o corpo amputado e manifestaram a angústia pela transitoriedade do habitar-morar ou morar-habitar num novo corpo que se inicia, passando a ser experienciado a partir de uma nova circunstância em detrimento de um evento inesperado. Sinalizou ainda que há um despreparo das equipes de saúde em compreender o corpo, direcionando este aos cuidados propriamente de ordem funcional, antes de se dedicar a pensá-lo como uma metamorfose própria do existir humano.

Os participantes da pesquisa de Silva (2013), homens que se encontravam inférteis, sinalizaram que seus corpos, alvo dos procedimentos de Reprodução Assistida, eram tomados, pela equipe médica, como mercadoria, matéria-prima supervisionada, diagnosticada e aperfeiçoada. O que se revelou foram corpos sofridos, afetados pela exposição e manipulação dos procedimentos (muitas vezes invasivos). Alguns homens também questionaram a noção de corpo como extensão da tecnologia, realçando que seus corpos estão para além de mecanismos de controle e apropriação médica. O enfoque central das narrativas é um constante apelo dos corpos/da existência para serem vistos e acolhidos não apenas como uma junção de membros, como matéria adequada ou inadequada às necessidades de reprodução social.

Nesta direção, é importante evidenciar como as disciplinas que lidam diretamente com questões que tangenciam o corpo, em especial as que estão no campo da saúde, carecem de um olhar que não somente “cuide” da matéria do corpo – entendendo isto como “cuidar da doença para se ter saúde” ou pelo viés da fragmentação “partes do corpo” – mas busquem uma compreensão outra de corpo, a fim de intervirem de outro modo, mais próximo da experiência do corporar.

Esta tarefa de uma outra lente compreensiva, a nosso ver, pode ser iluminada pelas discussões da fenomenologia existencial ao modo de Heidegger. Tal pensamento, como já apontado, possibilita uma ruptura com interpretações que

encerram e fragmentam o corpo humano. O esforço do pensamento heideggeriano questiona a esfera que concebia o corpo somente como uma substância, objeto de mensuração ou mercadoria. O inaugural surge, apontando o corpo como uma metamorfose que acontece constantemente enquanto tarefa de *existir-corporalmente-no-mundo-com-os-outros*.

Considerações Finais

Como vimos, o corpo humano tem uma história marcada pelo seu esquecimento enquanto constituinte da existência. Nesse espaço-tempo, o corpo foi compreendido como flagelo, culpa, angústia, fonte de prazer, salvação da alma, depositário de doenças, mercadoria. Seguindo esse percurso de substancialização e mensuração, parece haver uma prontidão e aptidão, que são, hoje, berços da construção e fortificação de discussões, nas quais a tecnologia tonifica mais uma vez o distanciamento da compreensão do corpo enquanto morada e, onde o olhar fechado e enclausurado de corpo fortifica impasses que o escondem.

Ao lado do esquecimento que foi sinalizado ao longo da presente reflexão, o corpo assume também compreensões que resistem ao predomínio do método das ciências modernas. No pensamento de Heidegger, em especial, a dimensão existencial do corpo é ressaltada. Tal tarefa de abarcar o corpo enquanto existencial *corporar* requer dos profissionais das diversas disciplinas e pede, em destaque, ao psicólogo, um horizonte compreensivo no qual o corpo possa revelar enquanto metamorfose que se faz dia a dia, indagando o lugar da técnica-científica que ora o chama à investigação e norma e ora o fragiliza e esconde.

Pensar deste modo só é possível se desprendermos dos ideais científicos que compreendem o corpo somente como uma justaposição biofisiológica e debruçarmos à tentativa de enveredar pelo corpo como *morada*, como *ethos*. Assim, de modo a possibilitar outras reflexões, foi que se pretendeu, no presente estudo, dialogar com o arsenal de concepções das ciências modernas e o pensamento de Martin Heidegger, no intuito de demarcar que antes de carne e substância, o corpo assume uma dimensão que é ética, estética e política. Cabe, então, uma pergunta: estamos abertos a este modo de pensar o corpo? E, mais ainda: como refletir uma atitude clínica que se volte para o corpo e seus modos de existir?

Tal compreensão repercute na ação clínica do psicólogo, afastando-o de intervenções que privilegiam a substancialização do corpo. Importa esclarecer que não é nossa pretensão “aplicar” o pensamento de Heidegger para propor

uma nova teoria psicológica, mas, encontrar subsídios no seu modo de pensar, a fim de refletir outras possibilidades de ação clínica. Ao considerar o destino técnico e o perigo de ofuscamento dos fenômenos e distanciamento da experiência, presente em nossa época atual, cabe sinalizar uma breve referência à ação clínica para acolher esse corpo, como ser-corpo, expressão da existência.

Ao seguir a trajetória de declínio, esvaziamento e decadência do sentido do corpo, vai se delineando a insuficiência da ação técnico-científica em termos de compreensão do corpo como objeto, mera constância e presentidade; e em termos de intervenção submetida à principal exigência do método científico – a mensuração.

Para acolher esse corpo que se manifesta na clínica psicológica como fenômeno, nos inclinamos a refletir a ação clínica em diálogo com o pensamento heideggeriano. Somos, nessa direção, desafiados a manter desperta a reflexão acerca do corpo, questionando os saberes prévios que o tematizam e prescrevem. Somos também convocados a realçar a dimensão ser-corpo, cultivando a atitude de receptividade ao passo que esse corpo se dizer, se revela ao seu modo e em suas possibilidades; aguardando atentamente e silenciosamente o modo como se destina na vida.

Recebido em: 30.05.2016 | Aprovado em: 05.04.2017

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, D. DI M. Corpo e existência: contra um duplo esquecimento dos corpos. In: CASTRO, D. S. et al. (Orgs). *Corpo e Existência*. São Paulo: Metodista, 2002, p. 101-114.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: O corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*: Porto, n 23, v. 1, 2011, p. 24-34.

CHIARELLO, M. Sobre o nascimento da ciência moderna: estudo iconográfico das lições de anatomia de Mondino a Vesalius. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 9, n. 2, 2011, p. 291-317.

FERREIRA, F. R. A produção de sentido sobre a imagem do corpo. *Interface – Comunic. Saúde, Educ*,

Rio de Janeiro. v. 12, n. 26, 2008, p. 471-183.

FOGA, C. A. da S. Uma história do corpo na Idade Média. *Revista Ars Historica*. n 7, 2014, p. 180-184.

GAYA, A. Será o corpo humano obsoleto? *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n. 13, 2005, p. 324-337.

JOSGRILBERG, F. P. 2013. *Possibilidades de compreensão do corporar; a partir da analítica do ser-aí: outra leitura para a atenção psicológica*. São Paulo. 205 páginas. Tese [Doutorado em Psicologia]. Universidade de São Paulo.

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. 2. ed. (G. Arnhold; M de F. de A. Prado; R. Kirchner, trad.). Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Ser e tempo*. 7. ed. (F. P. Meurer, trad.). Petrópolis: Vozes, 2012.

MELO, J. B. 2015. *O corpo que habito: possibilidades de compreensão para a experiência do corpo amputado*. 130 páginas. Recife-PE. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Católica de Pernambuco.

MICHELAZZO, J. C. *Corpo e tempo*. In: CASTRO, D. S. P. et al. (Orgs.). *Corpo e Existência*. São Paulo: Metodista, 2004, p. 105-122.

NASCIMENTO, C. L. A Concepção do Dasein e a Psicossomática em Medard Boss. In: FEIJOO, A. M. L. C. (Org.). *Anais do I Simpósio de Psicologia Fenomenológica-Existencial*, Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2008, p. 79-84.

PRADO FILHO, K.; TRISOTTO, S. *O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, 2008, p. 115-121.

RIGONI, A. C. C.; PRODÓCIMO, E. *Corpo e Religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino*. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, 2013, p. 227-243.

SILVA, E. F. G. 2013. *A “cegonha tecnológica” no caminho do projeto parental: dialogando com a experiência de homens (in)férteis*. 85 páginas. Recife-PE. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Universidade Católica de Pernambuco.

SIMHA, A. *A consciência - do corpo ao sujeito*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SIQUEIRA, A. J. *As representações do corpo na Idade Média*. Vivência, v. 2, n. 37, 2011, p. 49-58.

VIGARELLLO, G. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ZANIRATO, B. S. L.; MARTINS, A. P. V. *Em busca da realidade: A apresentação do corpo na anatomia e na pintura do Renascimento*. Monografia. Departamento de Pesquisa em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, 2011.